

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

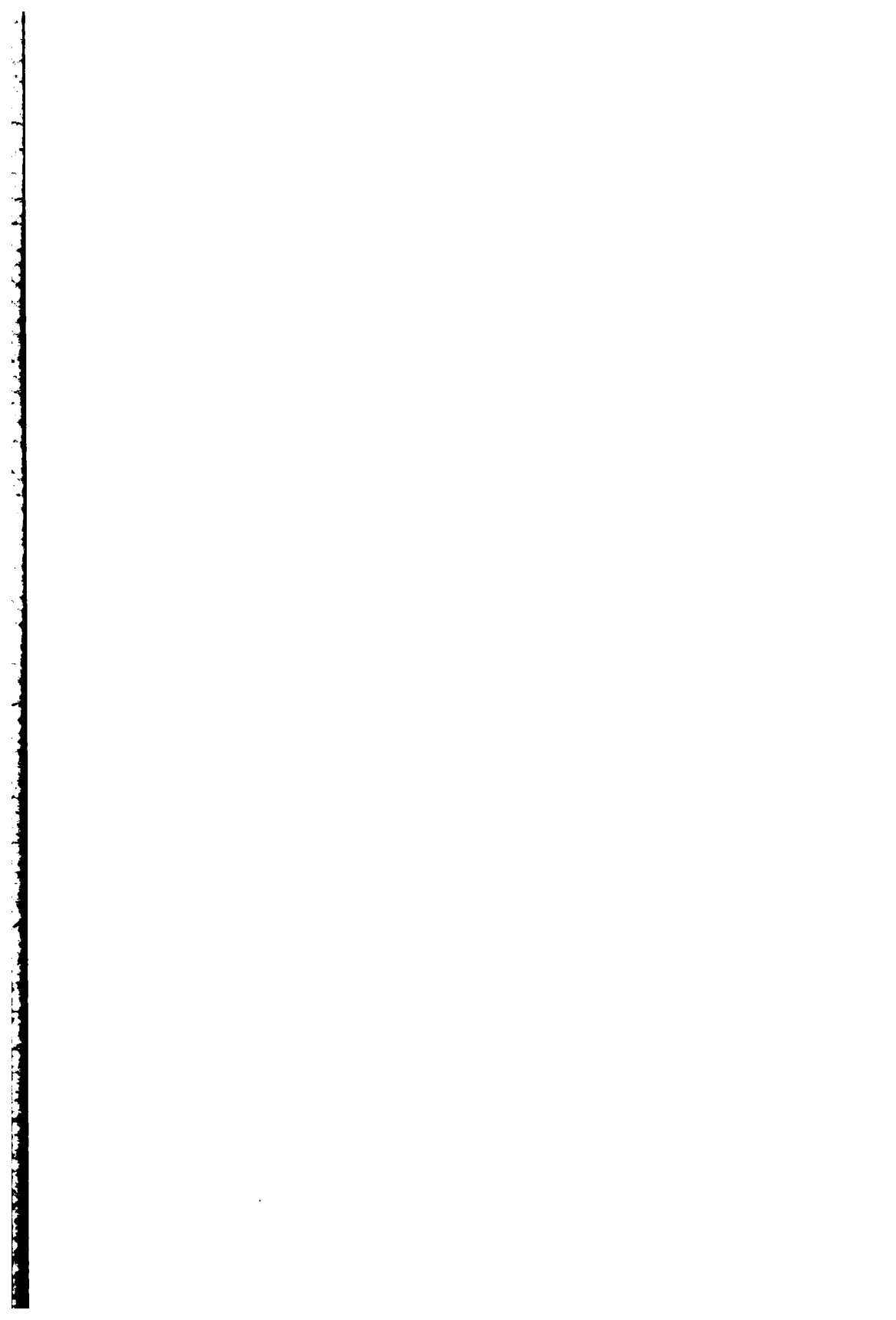
**VOLUME 3**

Tom II



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000



# Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

**Director:**

Carlos Reis

**Director Executivo:**

Sebastião T. Pinho

**Conselho Redactorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

**Redacção:**

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

**Edição, administração, distribuição e assinaturas:**

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

---

**Paginação:** José Soares Pinto – Porto

**Impressão e acabamento:** SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

**Autoria da capa:** Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

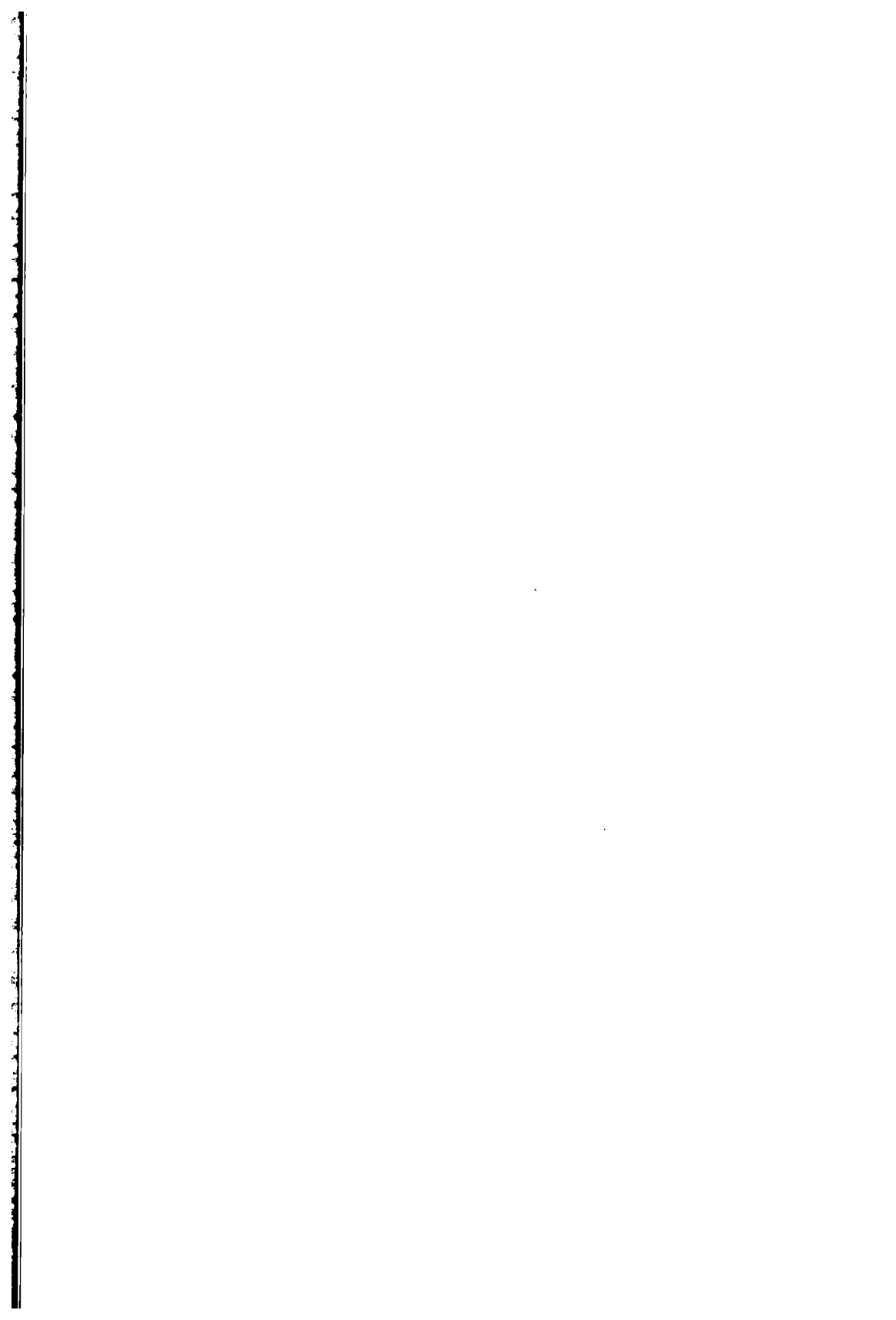
Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

---

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS  
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



# ÍNDICE

## Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul ..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial .....	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português .....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i> .....	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia .....	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i> .....	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e industrialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós .....	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem.....	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso .....	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond .....	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta .....	265
ANA SOFIA GANHO – Luiza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto .....	277
CLÁUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i> .....	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem.....	341

## Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio.....	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo .....	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo.....	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias .....	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÊAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes .....	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi .....	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática.....	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade ....	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão .....	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa.	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras .....	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia.....	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China .....	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia .....	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos .....	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano .....	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas .....	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso .....	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

## A Face Exposta da Língua Portuguesa

MARIA HELENA MIRA MATEUS

*Portugal, Universidade de Lisboa*

O convite que recebi para fazer uma intervenção nesta mesa redonda – e que desde já agradeço – levou-me a pensar em múltiplas coisas que gostaria de dizer sobre o português e que não caberiam no tempo que me foi atribuído. Resolvi portanto falar um pouco, e apenas para despertar o apetite, do meu especial amor na linguística: a **fonologia**, com particular relevo para a **prosódia**. Não é por acaso que o estudo desta roupagem sonora da língua tem longa e variada tradição. É esse nível sonoro que provoca as nossas mais imediatas reacções, de adesão ou de rejeição. É sobre ele que todos os indivíduos se sentem competentes para produzir julgamentos de valor e apreciações estéticas. Por isso lhe chamei **a face exposta da língua**, tão exposta e tão sensível, tão variável e tão indiciadora das nossas origens mais longínquas.

Senão vejamos: é a brincar com os sons que aprendemos a falar, é imitando uma certa melodia que encetamos na vida os nossos diálogos, é pela forma de pronunciar que de imediato julgamos localizar o nosso interlocutor, é muitas vezes na alternância dos sons que entendemos os diferentes significados. Essa alternância provém dos **traços específicos** de cada som como elemento do sistema fonológico da língua. Quem não recorda as unidades distintivas de *pala / bala / mala / rala / tala / vala / sala / gala*? Existem contudo certas propriedades sempre presentes em todos os sons – a altura, a duração, a

intensidade – cujo reconhecimento decorre da relação que estabelecem entre si os sons em sequência. Estas são as **propriedades prosódicas**, que podem incidir sobre um segmento ou um conjunto de segmentos, que são a base da melodia, as fascinantes propriedades da poesia da língua.

Um dos traços prosódicos enraizados na nossa intuição é a **sílaba**. Não é difícil argumentar sobre a sua existência: na aquisição da linguagem, os meninos produzem sequências com o mesmo número de sílabas do que as daquelas palavras que ainda não sabem pronunciar; no grupo de amigos, criam-se linguagens secretas baseadas na sílaba; quando nos enganamos, não raro trocamos o lugar de partes ou da totalidade da sílaba; e ninguém desconhece que escritas silábicas surgiram nos tempos antigos.

Mas o que é uma sílaba? Uma construção perceptual, isto é, criada no espírito do falante. Por isso nos é difícil aprisioná-la, escapar pelos entrestícios das definições.

Uma sílaba tem obrigatoriamente uma **rima**: é o seu **núcleo**, o seu “clímax”. Em português, as vogais, e só as vogais, são núcleo de sílaba, como em *pé*, em *tu* e em *má*. As vogais nucleares podem estar seguidas de uma semivogal – um núcleo complexo – como em *pai* e em *boi*. Precedendo a rima está o **ataque** que geralmente é uma consoante. Em português todas as consoantes simples podem ser ataque de sílaba. Se duas consoantes formam um ataque, elas devem dispor-se segundo o **princípio da sonoridade**, que estipula que a sonoridade de uma sílaba cresce em direcção ao núcleo e decresce para o final. O par de consoantes ideal para cumprir este princípio é uma oclusiva (/p/, /t/, /k/, /b/, /d/ ou /g/, a menos sonora das consoantes) seguida de uma líquida (/r/ ou /l/, a mais sonora das consoantes), como nas sílabas iniciais de *prato*, *branco*, *cravo*, *claro*, *plano*. Para o constituinte final da rima, a **coda**, existem poucos candidatos em português: apenas /r/, /l/ (que na maioria dos dialectos brasileiros é realizada como /w/) e /s/, como em *mar*, *mal* e *más*. A estrutura interna das sílabas é hierárquica: a sílaba domina o ataque e a rima, a rima domina o núcleo e a coda.

Em português europeu as duas consoantes em ataque violam muitas vezes o princípio estabelecido. Por isso temos *amnésia*, *pneu*, *psicologia*, *absurdo*, *afta*, *captar*. Esta violação é superficial, e muitos

argumentos podem ser avançados para propor que, no nível subjacente, na nossa percepção da sílaba, há um **núcleo vazio** que separa as duas consoantes. Esse núcleo vazio é preenchido por uma vogal epentética no português do Brasil, e assim encontramos *ami-nésia*, *pi-neu*, *pi-sicologia*, *abi-surdo*, *afi-ta*, *capi-tar*. Esta é uma das evidentes diferenças entre as duas variedades que, afinal, se limita ao preenchimento, numa delas, do que na outra é deixado vazio. Mas a peculiaridade destes estranhos ataques aprofunda-se com a supressão constante da bem portuguesa vogal átona [ə]. Surgem então nos dialectos europeus palavras que aparentemente (e só em superfície) têm três consoantes seguidas, como *telefone*, ou quatro como *despegar*, cinco como *despregar* e mesmo seis como *desprestigiar*. Sílabas de onde “voaram” (desapareceram) os núcleos porque a vogal alta [i], que já tinha recuado para o centro do sistema realizando-se como [ə], sofreu a mais extrema das reduções: deixou de se pronunciar. E deste modo se criou uma das distâncias mais óbvias entre as duas variedades do português.

Deixemos agora a sílaba e as suas distâncias para olharmos algo que, sendo prosódico, une as duas margens do Atlântico: o **acento de palavra**.

A tradição diz-nos que as palavras em português podem ser agudas ou oxítonas, graves ou paroxítonas e esdrúxulas ou proparoxítonas conforme o acento tónico se encontra na última, penúltima ou antepenúltima sílaba, sendo predominantes as graves. Existe porém outra forma de as classificar que permite unir na mesma classe palavras como *casa*, *mulher* e *avó* que tradicionalmente se situam em dois grupos: o das graves e o das agudas. Essa outra classificação mostra também que os verbos e os não-verbos (nomes e adjectivos, advérbios e preposições) têm dois tipos de acentuação. Os não verbos (chamemos-lhes ‘nomes’ por convenção) são acentuados na **última vogal do radical**; os verbos têm acentuação variável.

Vejam os nomes: palavras como *casa*, *menino* e *sede* terminam por vogais, [e], [u], [ə], que se seguem ao radical e que integram as palavras numa classe nominal. Essas vogais nunca são acentuadas e portanto o acento incide sobre a última vogal do radical. Em *mulher*, *amor*, *funil*, *azul* o radical termina em consoante, incidindo o acento sobre a sua última vogal. E finalmente *avó*, *café*, *marajá*, *romã*, *espa-*

*dachim* têm radical terminado em vogal tónica, oral e nasal, que também exhibe proeminência acentual. E até palavras como *chapéu*, *calhau*, *irmão*, com ditongo final do radical, são acentuadas nessa sílaba. Restam-nos as verdadeiras excepções, ou seja, as acentuadas na penúltima vogal do radical, como *frágil* e *órfão*, ou *dúvida* e *metáfora*. A aplicação do acento nestas palavras, com a sua regularidade e a regularidade das suas excepções, tem portanto em conta a estrutura morfológica.

E com os verbos, o que sucede? Um pouco mais de diversidade. Um grupo de tempos verbais – chamemos-lhes ‘tempos do passado’ – recebe o acento sobre a vogal temática, que marca a conjugação. É assim com *cantava*, *falasse*, *partiu*, *comeste*, *andara*, *subirem* e tantas mais. Outro grupo – os ‘tempos do futuro’ – tem acento na primeira vogal do morfema de tempo-modo-aspecto. E assim sucede com *cantarei* e *encantaria*. Os restantes – os ‘tempos do presente’ – recebem acento na penúltima vogal da palavra, como *falo*, *falas* ou *falamos*, e *beba*, *bebas* ou *bebamos*. Mas note-se, os morfemas de pessoa são imunes ao acento, tal como as vogais finais que marcam a classe dos nomes. Por todas estas variações, ainda que classificáveis, se considera que o português é uma **língua de acento livre**.

Mas o acento é também um construtor de melodia. Como é isso possível se até agora só verificámos a sua relação com a estrutura morfológica das palavras? Sendo um facto prosódico, ele é passível de uma análise métrica. Sucedem que, em português, tal análise métrica converge com os aspectos pertinentes da estrutura morfológica. Assim, imaginemos uma **onda** constituída por picos e cavas. Se a onda se espalhar da direita para a esquerda sobre a palavra, e a cava começar na primeira vogal encontrada ou, no caso de ausência, na margem direita da palavra, teremos uma acentuação adequada na última vogal do radical dos nomes. A acentuação das excepções é conseguida porque, nessas palavras, a última vogal do radical é marcada lexicalmente como não acentuável. Nas formas verbais a cava inicia-se sobre os morfemas de pessoa como *-mos*, 1.<sup>a</sup> pessoa do plural (veja-se *devemos*) ou *-i* e *-u*, morfemas pessoais do pretérito perfeito que são imunes ao acento (veja-se *falei* e *bateu*). Para incidir sobre a vogal temática, os morfemas de tempo-modo-aspecto dos tempos do passado que os possuem (o pretérito imperfeito ou mais-que-perfeito do indicativo ou o imperfeito do conjuntivo), quando se encontram em penúltimo

lugar, são marcados como não acentuáveis, (p. ex. *cantáramos, dançassemos e comíamos*).

Para quê construir um modelo métrico de atribuição do acento? Exactamente porque o acento marca **metricamente** o nível sonoro da língua e é um factor constitutivo do **ritmo** da fala. E ainda, e sobretudo, porque um tal modelo, aplicando-se a todas as línguas sob o princípio do ritmo métrico, terá de definir somente os parâmetros que caracterizam cada uma. São parâmetros a **direcção** de espraio da onda (da direita para a esquerda em português), a **ordem** de sucessão das cavas e picos e o **lugar** dos elementos não acentuáveis.

E finalmente, não posso deixar de me demorar um pouco sobre um dos aspectos mais marcantes do português: a **harmonia vocálica** dos verbos. Aqui saímos da prosódia mas mantemo-nos no nível dos sons, naquela alternância de vogais que escapa aos ouvidos de falantes de outras línguas. A que formas me refiro? À diferença entre *devo* e *deves*, ou *como* e *comes*, e a outra mais evidente, *durmo* e *dormes*, *firo* e *feres*.

Antes de mais, uma afirmação: nos tempos do presente (presentes do indicativo e conjuntivo) a vogal temática (VT) é suprimida antes de outra vogal. Este facto torna-se evidente se olharmos a constituição interna destas formas:

#### *Presente do Indicativo*

fal+a+o	dev+e+o	part+i+o
fal+a+s	dev+e+s	part+i+s
fal+a	dev+e	part+i
fal+a+mos	dev+e+mos	part+i+mos
fal+a+m	dev+e+m	part+i+m

#### *Presente do Conjuntivo*

fal+a+e	dev+e+a	part+i+a
fal+a+e+s	dev+e+a+s	part+i+a+s
fal+a+e	dev+e+a+s	part+i+a
fal+a+e+mos	dev+e+a+mos	part+i+a+mos
fal+a+e+m	dev+e+a+m	part+i+a+m

No presente do indicativo a supressão só ocorre na primeira pessoa do singular. No presente do conjuntivo, ocorre com todas as pessoas porque o morfema desse tempo é sempre uma vogal

Para explicar a harmonia vocálica, façamos primeiro uma incurção horizontal, uma viagem pelas três conjugações. No conjuntivo, analisamos apenas as formas em que a vogal do radical é acentuada, porque apenas essa manifesta a harmonia vocálica.

Vejamos os verbos *levar* e *morar*, *dever* e *mover*, *ferir* e *dormir*

*Presente do Indicativo*, 1.<sup>a</sup> pessoa do singular

l[é]vo m[ó]ro	d[é]vo m[ó]vo	f[í]ro d[ú]rmo
---------------	---------------	----------------

*Presente do Conjuntivo*, 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular, e 3.<sup>a</sup> do plural

l[é]ve m[ó]re	d[é]va m[ó]va	f[í]ra d[ú]rma
l[é]ves m[ó]res	d[é]vas m[ó]vas	f[í]ras d[ú]rmas
l[é]ve m[ó]re	d[é]va m[ó]va	f[í]ra d[ú]rma
l[é]vem m[ó]rem	d[é]vam m[ó]vam	f[í]ram d[ú]rmam

Estas formas verbais mostram que as vogais acentuadas são:

[é] e [ó] nos verbos de vogal temática /a/ (1.<sup>a</sup> conjugação)

[e] e [o] nos verbos de vogal temática /e/ (2.<sup>a</sup> conjugação)

[i] e [u] nos verbos de vogal temática /i/ (3.<sup>a</sup> conjugação)

Como se verifica, as vogais acentuadas que alternam – baixas [é] e [ó], médias [e] e [o] e altas [i] e [u] – ocorrem nas formas em que a vogal temática foi suprimida. Nestes casos, os verbos *levar* e *morar*, com VT baixa /a/, têm uma vogal baixa no radical; os verbos *dever* e *mover*, com VT média /e/, têm uma vogal média no radical; os verbos *ferir* e *dormir*, com VT alta /i/, têm uma vogal alta no radical.

Trata-se claramente de uma assimilação condicionada pela vogal temática, e que por isso habitualmente se denomina harmonização

vocálica. Esta harmonização consiste no espriamento dos traços de altura da vogal temática sobre a vogal acentuada. Deve notar-se que as vogais do radical só assimilam os traços de altura e mantêm os valores dos outros traços que as identificam: [recuado] e [arredondado].

Alguns tipos de verbos escapam à harmonização vocálica: os verbos com vogal do radical /i/ e /u/, como *virar* e *furar* ou *viver* e *iludir* (p.ex. *furo* f[ú]ro, não \*f[õ]ro; *vivo* v[i]vo, não \*v[é]vo, etc.). Mas não só estes. Também os verbos com vogal final do radical /a/ não exibem uma alternância, o que é evidente nas formas, por exemplo, de *falar*, *bater* e *partir* que mantêm a vogal baixa nas três conjugações, independentemente, portanto, da altura da vogal temática (cf. f[á]lo, b[á]to, p[á]rto; f[á]le, b[á]ta, p[á]rta, etc.). Assim, a vogal que sofre a assimilação tem duas restrições: não pode ser [+alta], /i/ ou /u/, e não pode ser /a/ ([+recuada, -arredondada].

No Presente do Indicativo existe uma outra peculiaridade das vogais acentuadas /e/ e /ɛ/, /o/ e /ɔ/, mas agora nas formas em que a vogal temática se mantêm (i.e., nas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural). Nestas formas, apenas as vogais baixas ocorrem. Vejam-se os exemplos:

*Presente do Indicativo* (2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e 3.<sup>a</sup> do plural)

l[ɛ]vas m[ɔ]ras	d[ɛ]ves m[ɔ]ves	f[ɛ]res d[ɔ]rmes
l[ɛ]va m[ɔ]ra	d[ɛ]ve m[ɔ]ve	f[ɛ]re d[ɔ]rme
l[ɛ]vam m[ɔ]ram	d[ɛ]vem m[ɔ]vem	f[ɛ]rem d[ɔ]rmem

Estas vogais baixas são o resultado de um processo de abaixamento que afecta as vogais do radical /e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/ nas três conjugações. Trata-se portanto, neste caso, de uma *segunda alternância de altura que se interrelaciona com a alternância resultante da harmonização vocálica*. Vejam-se as seguintes formas com os mesmos verbos:

*Presente do Indicativo*

(todas as pessoas com vogal do radical acentuada)

l[é]vo m[b]ro	d[é]vo m[ó]vo	f[í]ro d[ú]rmo
l[é]vas m[b]ras	d[é]ves m[b]ves	f[é]res d[b]rmes
l[é]va m[b]ra	d[é]ve m[b]ve	f[é]re d[b]rme
l[é]vam m[b]ram	d[é]vem m[b]vem	f[é]rem d[b]rmem

O facto de na 1.<sup>a</sup> conjugação a vogal do radical ser sempre [+baixa] e não manifestar alternância deve-se ao facto de, na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, essa vogal do radical se harmonizar com a vogal temática, que é [+baixa] nesta conjugação.

Os verbos com vogal do radical /i/ e /u/, [+alta], também não apresentam abaixamento (p.ex. *vives* v[í]ves e não \*v[é]ves, *iludes* il[ú]des e não \*il[b]des, etc.).

Perdoem-me o tempo e aceitem-me o entusiasmo. Afinal, se nós, os que gostamos do português, não olharmos com amor esta face exposta da língua, quem o fará? E se não procurarmos com atenção o que ela nos diz, não poderemos atar com mais força os laços que unem os nossos falares. No Brasil, em Portugal, em África, a base comum do português é também um rasto deixado pelas nossas histórias, que se encontra sedimentado em camadas mais ou menos superficiais. E a língua é, sem dúvida, um magnífico repositório dessas memórias.